

# A ABEPSS na internacionalização do Serviço Social do Brasil

## ABEPSS in the internationalization of Social Work in Brazil

Ramiro M. Dulcich Piccolo\*

**Resumo:** Essa nova ofensiva do grande capital na América Latina, dessa vez, apoia-se em setores ultra-conservadores, defensores de doutrinas e valores neofascistas e neonazistas. O neoliberalismo “possível” na atual fase do capitalismo na região, apresenta versões ultra-conservadoras e fascistas como parte de seu “cardápio”. Como nunca antes, a dominação por meio do livre mercado e do consumo, da ascensão de “status” social, já não dá conta de manter a adesão ao sistema, pelo que é complementada com doses cada vez mais altas de repressão e violência. No capitalismo contemporâneo, a dominação através do medo é reforçada na medida que a hegemonia pelo livre mercado se desidrata.

Esse contexto, particularmente em América Latina, renova os desafios para o Serviço Social crítico latino-americano e o avanço dos seus projetos profissionais em cada país. O artigo reflete sobre as linhas de trabalho e os desafios contemporâneos das relações internacionais da ABEPSS.

**Palavras-chaves:** ABEPSS. Serviço social internacional, ABEPSS e internacionalização.

**Abstract:** This new offensive by big capital in Latin America, this time, is supported by ultra-conservative sectors, defenders of neo-fascist and neo-Nazi doctrines and values. The “possible” neoliberalism in the current phase of capitalism in the region presents ultra-conservative and fascist versions as part of its “menu”. As never before, domination through the free market and consumption, the rise of social “status”, is no longer able to maintain adherence to the system, which is why it is complemented with increasingly high doses of repression and violence. In contemporary capitalism, domination through fear is reinforced as free-market hegemony dehydrates.

This context, particularly in Latin America, renews the challenges for critical Latin American Social Work and the advancement of its professional projects in each country. The article reflects on the lines of work and the contemporary challenges of ABEPSS's international relations.

**Keywords:** ABEPSS and Social Work; International social service, ABEPSS and internationalization.

Recebido em: 17/05/2022

Aprovado em: 10/06/2022



© O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)), que permite copiar, distribuir e reproduzir em qualquer meio, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material, desde que para fins não comerciais e que você forneça o devido crédito aos autores e a fonte, insira um link para a Licença Creative Commons e indique se mudanças foram feitas.

\* Licenciado em Serviço Social na Faculdade de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nacional de Rosario (UNR), Argentina; Doutorado em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. Pesquisa sobre “questão social” na América Latina no capitalismo contemporâneo e os fundamentos do Serviço Social. Extensão popular junto a movimentos sociais do campo. Coordenador das Relações Internacionais da ABEPSS (2019-2022). Educador do MST.

*“É no campo da resistência e da luta internacional, que se justifica o esforço empreendido pela ABEPSS para a articulação e a organização política-acadêmica dos assistentes sociais brasileiros, em torno da articulação e organização política-acadêmica dos assistentes sociais na América Latina; sem se fechar nele, mas com a clareza de seu significado estratégico face à necessidade da articulação estratégica dos países do continente diante da ofensiva imperialista do capital transnacional”*

*(Texto balizador das Relações Internacionais da ABEPSS/2006)*

## **O sistema mundial e a dinâmica capitalista na América Latina**

Se temos alguma certeza nesses tempos nada fúteis é de que vivemos um mundo altamente dinâmico e cambiante, que se transforma permanentemente. As correlações de forças geopolíticas do capitalismo contemporâneo apresentam uma configuração diferente da que marcou a segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial e da “Guerra Fria”. Da mesma forma, a conjuntura é diversa do período histórico subsequente, hegemônico pelas ideias do “Consenso de Washington”, que gozou de ampla hegemonia na América Latina durante a década de 1990.<sup>1</sup> A dissolução do “mundo bipolar” - simbolizado na queda do Muro de Berlim no final da década de 1980 - abriu o passo para uma nova configuração do sistema mundial: um mundo “unipolar”, sob amplo domínio dos EUA que, junto a um conjunto de organismos internacionais, impulsionou a globalização neoliberal no planeta. A crise geopolítica atual tem muito a ver com a crise dessa configuração unipolar de após Guerra Fria.

Observe-se que, transcorridas as primeiras décadas do século XXI, o capitalismo apresenta variações importantes em sua forma de reprodução, mais problemática e de confrontações relevantes, como a desenvolvida atualmente entre as forças da OTAN e a Rússia na Ucrânia. Essa perda de hegemonia expressa uma nova geopolítica no mundo que reposiciona áreas e regiões na dinâmica sistêmica. Hoje, o movimento desigual e combinado da acumulação do capital e do poder articula-se em um mundo multipolar, com blocos regionais fortalecidos e dispostos a se consolidar e disputar a hegemonia. Constata-se, porém, que a potência norte-americana, embora com mostras de declínio econômico e político, continua com a hegemonia no âmbito internacional e é responsável pelos principais gastos militares mundiais, dispondo de centenas de bases militares localizadas em pontos estratégicos do planeta.

Todavia, o crescimento econômico persistente da China nas últimas décadas, com sua maior participação no mercado internacional, alterou relativamente as correlações de força entre os blocos. O “gigante asiático” instalou-se decisivamente no cenário mundial, abrindo

<sup>1</sup> Lembremos a força com que as ideias e valores do neoliberalismo eram apresentados como o “único” pensamento racional historicamente viável; proclamou-se o “fim das utopias”, “da história”, “das lutas de classes”, “do trabalho”.

relações comerciais e diplomáticas em novas regiões, como América Latina, por exemplo. O principal parceiro comercial do Brasil em 2022 é a China, seguido pelos EUA. Da mesma forma, outros países têm aumentado sua participação econômico-política no continente. A Rússia, por exemplo, teve papel decisivo nos primeiros meses de 2019, quando os Estados Unidos ameaçavam intervir militarmente na Venezuela. A potência euro-asiática tem construído alianças políticas e parcerias comerciais importantes na América Latina, com Argentina, por exemplo.

Evidentemente, isto não passa despercebido pelos EUA, que têm na América Latina sua principal área de influência desde a Doutrina Monroe (1823). Há evidências nítidas de que para manter o avanço dos objetivos da sua política externa no mundo, a principal potência capitalista precisou adaptar sua estratégia de controle territorial mundial. Sobre esta questão, chama atenção o pesquisador Andrew Korybko em seu livro: *“Guerras híbridas: das Revoluções coloridas aos Golpes”* (2015). Na hipótese do autor, a emergência da China e da Rússia no cenário internacional preocupam as potências capitalistas (organizadas militarmente na OTAN), especialmente aos EUA. O que se evidencia na guerra que atualmente se desenvolve na Ucrânia, nas fronteiras da Rússia, pelo seu ingresso na OTAN.

Na tese de Korybko, a resposta estratégica do imperialismo norte-americano tem sido a geração de “guerras híbridas”, usada ampla e repetidamente na América Latina durante a última década, que se orienta pela tática do confronto “indireto”, buscando o desgaste do adversário com o uso de “métodos desestabilizadores” nos países-alvos e em suas regiões de influência. Processos de desestabilização e crise social e política planejados e operacionalizados como um tipo não convencional de confronto político, que surpreende ao poder constituído. Destaca-se, na nova estratégia, a maior relevância da batalha pela informação e o uso de sofisticadas operações psicológicas de massas.<sup>2</sup>

O princípio dessa abordagem, dirá o autor, é que *“basta semear o caos e criar forças centrípetas que por si só ameçam dilacerar uma sociedade-alvo; não se pretende derrubar um governo diretamente, só precisa fazer que a sociedade se divida, e a incerteza em larga escala, arauto do caos social, faz o resto”* (Korybko, 2018; pág. 25). Na análise do autor, nessa nova geração de guerras (a quarta, nas teorias militares) desse tipo específico de confronto, a

---

<sup>2</sup> Métodos que correspondem a uma nova geração de guerras; as guerras da quarta geração, segundo o teórico militar William Lind (1989). Afirma que seriam mais fluidas, descentralizadas e assimétricas que as guerras do passado. Afirma Lind: "As operações psicológicas podem se tornar a arma operacional e estratégica dominante assumindo a forma de intervenção mediática/informativa ... O principal alvo a atacar será o apoio da população do inimigo ao próprio governo e à guerra. As notícias televisionadas se tornarão uma arma operacional mais poderosa do que as divisões armadas" (Lind, *apud* Korybko, 2018. pág. 26).

desestabilização sócio-política do país-alvo é complementada com a instalação de uma dose necessária de princípios caóticos; em seu âmago, *a guerra híbrida é o caos administrado*.<sup>3</sup> A crise sanitária mundial provocada pelo COVID19 acirrou o conjunto de contradições existentes e aprofundou os sintomas da crise.

Nesse sentido, tudo indica que o principal desafio dos EUA hoje, na medida que o mundo vai se tornando cada vez mais multipolar e a Rússia recupera sua capacidade de afirmar seus interesses junto aos seus vizinhos (da mesma forma que China e Irã), é praticar os métodos de desestabilização das guerras híbridas ou de quarta geração. Assim, campanhas de sabotagem geopolíticas indireta sob aparência de movimentos “democráticos” ou confrontos civis apoiados desde fora são armas operacionais nesse cenário (que o autor chama de “revoluções coloridas” - como ocorreram na Líbia (2011) e na Ucrânia (2014), e serve para analisar a última década do Brasil e da América do Sul.

### **Qual o papel da América Latina neste particular contexto internacional?**

O geógrafo crítico David Harvey (2005) sustenta que a acumulação do capital hoje se vale dos métodos selvagens, predatórios e fraudulentos utilizados na sua fase chamada “originária”. Segundo o pensador, esses nunca foram definitivamente abandonados pelo sistema. Na geopolítica global, o “mito” do progresso social pelo desenvolvimento da livre concorrência se revelou efêmero e foi substituído pela violenta interação entre potências inter-imperialistas que lutam para reproduzir seu predomínio. Tal dinâmica constitui um processo de regressão civilizatória, com valores emancipatórios substituídos por ultra-conservadores. A destruição que resulta dos pontos mais críticos do sistema atinge especialmente a natureza, destruindo o meio ambiente e degradando a vida no planeta, de forma particularmente intensa nas regiões periféricas.

Os efeitos ambientais e sociais dessa reprodução “destrutiva” do capitalismo incluem desde sempre a força de trabalho humana: desemprego crônico e precarização generalizada do trabalho assalariado são realidades nacionais mundiais, também acirradas nas periferias. A nossa região segue sendo uma das fontes de recursos naturais estratégicos mais importantes do mundo. Reservas de água doce no Paraguai e no México; de petróleo na Venezuela, Brasil, México e Argentina; de gás natural na Bolívia; a biodiversidade da Amazônia são estudados

---

<sup>3</sup>Segundo Koribko, uma das correntes de pensamento que mais se aplica às guerras híbridas é a teoria do caos, de Steven Mann. Em livro publicado em 1992, “Teoria do caos e pensamento estratégico”, o teórico entende o caos como uma dinâmica não linear, aplicável a sistemas com números muito grandes de partes com constante transformação. Segundo Mann, seria possível observar certa ordem padronizada em meio do caos, especialmente em sistemas debilmente caóticos (Cf. Koribko, 2018, pág. 31)

pelas grandes corporações internacionais, ramificadas em Estados nacionais que integram blocos regionais.

Do ponto de vista das estruturas sócio-produtivas sob os ditames neoliberais, a intervenção do Estado se limita a enfrentar as manifestações mais críticas da “questão social” por meio da generalização de programas assistenciais. A privatização de importantes funções estatais, dentre elas as políticas sociais, é complementada pela mercantilização progressiva de serviços sociais que eram de responsabilidade do Estado. Um conjunto de políticas e programas sociais são supridos e ou lançados ao mercado, ao circuito da valorização do capital. A tendência neoliberal de restringir a Seguridade Social à Assistência Social, junto à privatizações de políticas públicas (como Saúde, Educação, Previdência), fazem com que a intervenção do Estado se limite a um conjunto de ações emergenciais e pontuais de resposta às manifestações da “questão social”, sem alterar em nada a estrutura do problema.

O final da década de 1990 na América Latina mostrou de forma contundente as dimensões da catástrofe social resultante da aplicação ortodoxa do programa neoliberal no território latino-americano. A irrupção da *Revolução Bolivariana* vence nas eleições nacionais na Venezuela e chega ao governo desse país em 1998, com a figura do mítico Hugo Chávez à cabeça. Ela, junto à irrupção Zapatista (EZLN) no sul do México em 1994, foram os movimentos sociais e políticos contra-hegemônicos mais significativos registrados durante a década de 1990 na América Latina de hegemonia neoliberal dura. No contexto dessa catástrofe social produzida pela aplicação de políticas neoliberais, ocorreram vitórias eleitorais fundamentais em importantes países da região, que buscam desenvolver trajetórias mais soberanas para os países latinoamericanos. Um amplo leque de experiências se espalha pela região, tornando-a um grande laboratório (o maior do planeta no período) de produção de contra-hegemonia ao neoliberalismo e ao imperialismo na periferia.

A alvorada do século XXI na América Latina é crítica e contra-hegemônica. A vitória eleitoral de forças progressistas e socialistas se espalha pela América Latina na primeira década do século XXI e inclina a balança política para a esquerda no continente, trazendo um conjunto de políticas e programas, inclusive sociais, para serem postos em prática e testados. Um balanço crítico desse “ciclo de governos progressista” na América Latina é necessário, atendendo ao contexto geopolítico e às condições particulares da nossa região.<sup>4</sup> Todavia, nada é para sempre na história social. O “ciclo progressista”, que sucedeu a década neoliberal na América Latina e

<sup>4</sup> Governos progressistas no Brasil (2003), Argentina (2003), República Dominicana e Panamá (2004), Uruguai (2005), Bolívia (2005), Chile (2006), Honduras (2006), Equador, (2007), Nicarágua (2007), Paraguai (2008), Guatemala (2008), El Salvador (2009), Perú (2011).

reposicionou o debate sobre o imperialismo e necessidade de resistir, começou a mostrar sinais de esgotamento e entrou em declínio.

Entretanto, a pauta neoliberal se renovou, junto com seus métodos e dispositivos. Como foi dito, a América Latina vive a aplicação da “guerra híbrida” (principal estratégia de intervenção do imperialismo norte-americano, aliado aos grupos dominantes locais). Golpes parlamentares foram registrados em Honduras, Paraguai e Brasil; países sofrendo ameaça de intervenção militar e sanções financeiras (Cuba, Venezuela, Bolívia); perseguição, assédio e assassinato de lideranças populares (Colômbia, Brasil, Chile), com disseminação de notícias falsas, apologia dos discursos de ódio, do terror e do medo; da intolerância de todos os tipos (religiosa, étnica, racial, sexual, etária, etc.).

Essa nova ofensiva do grande capital na América Latina, dessa vez, apoia-se em setores ultra-conservadores, defensores de doutrinas e valores neofascistas e neonazistas. O neoliberalismo “possível” na atual fase do capitalismo na região, apresenta versões ultra-conservadoras e fascistas como parte de seu “cardápio”. Como nunca antes, a dominação por meio do livre mercado e do consumo e do ascenso de “status” social não dá conta de manter a adesão ao sistema, pelo que é complementada com doses cada vez mais altas de repressão e violência. No capitalismo contemporâneo, a dominação através do medo é reforçada na medida que a hegemonia pelo livre mercado se desidrata.

### **Antecedentes históricos do projeto de um Serviço Social crítico latinoamericano**

Sem dúvidas, o Serviço Social não é alheio a esse contexto. Há tempo que a profissão se indagou sobre seu significado social e sua inserção na divisão social e técnica do trabalho da sociedade capitalista. Um acúmulo crítico de várias décadas dá conta disto e cabe começar destacando o papel central do Centro de Estudos Latinoamericano de Trabalho Social (CELATS)<sup>5</sup>, criado no marco do movimento de Reconceituação do Serviço Social. De nítida vocação latinoamericanista, em um contexto de politização social e profissional, na busca de aprimoramento teórico prático, de capacitação, pesquisa e intercâmbios, direcionados à construção de um Serviço Social latinoamericano, o CELATS/ALAETS desempenhou um papel fundamental na constituição de um Serviço Social crítico, contribuindo decisivamente para criar as bases teóricas e político-organizativas para sua difusão no continente. No Brasil, a esse projeto profissional crítico denominamos projeto ético-político da profissão.

<sup>5</sup>Segundo Yamamoto, o contexto de guerra fria e a luta contra o imperialismo permitem entender o financiamento alemão. dito apoio é indissociável da disputa entre os países “centrais” pela hegemonia na América latina, naquele período de expansão capitalista (2004; pág. 106).

Segundo Yamamoto (2004)<sup>6</sup>, a pauta de investigação do Centro nas décadas de 1970 e 1980 estava voltada ao conhecimento dos setores populares da América Latina: camponeses, operários, grupos populacionais e indígenas. Debatia-se sobre o papel das políticas sociais públicas, particularmente, Saúde e Habitação; sobre a necessidade do conhecimento das realidades institucionais onde opera o profissional, suas associações profissionais e os perfis; também, desenvolviam-se estudos e pesquisas sobre a história do Serviço Social na América Latina. No processo, foram surgindo necessidades de capacitação continuada para o trabalho profissional que fortaleçam a organização no continente e a comunicação mais intensa e orgânica, através da publicação de livros, revistas, cadernos, etc., que constituíam os principais desafios. Esse período foi de auge da produção crítica do Serviço Social latinoamericano.

Durante a década de 1980, em um contexto de ofensiva imperialista na região, com a chamada “guerra suja” frustrando o projeto socialista na Nicarágua, o programa neoliberal ascendeu na região. Registros indicam que a participação política do Serviço Social brasileiro foi fundamental para sustentação da ALAETS nessa conjuntura, exercendo a vice-presidência da entidade, apresentada pela professora Josefa Batista Lopes.

A década de 1990 do CELATS foi marcada pelo fim do financiamento externo que sustentava. Esse foi um período de grande crise do projeto originário e desestruturação organizativa do movimento. Um período de fortes impactos do pensamento neoliberal e de dispersão política das forças críticas, que vão de dividir em diversas correntes teóricas e políticas, com novas articulações, discursos e perspectivas teórico-metodológicas. Para fins da década de 1990, a ferramenta organizativa ALAETS/CELATS encontrava-se severamente fragilizada, quase sem funcionamento e esvaziada de seu conteúdo crítico.

O fim do ciclo crítico do Serviço Social latinoamericano coincide com a retirada do financiamento que dava suporte material à organização acadêmico-profissional continentalmente. Segue-se a dita crise, a busca de novas fontes de financiamento, a partir de Organizações não Governamentais (ONGs) internacionais, reorientando a mirada do centro para programas focalizados, fora da órbita do Estado e do campo das Políticas Públicas. Criou-se, também, uma tendência à mercantilização dos serviços prestados pela entidade e fomento de técnicas voltadas à gestão empresarial, a partir de critérios de eficácia, eficiência e

---

<sup>6</sup> Nos referimos ao ensaio intitulado: “*Serviço Social brasileiro e a articulação latinoamericana*”, publicado na revista *Temporalis* Nº 7 da ABEPSS, que reúne reflexões de importantes referências do Serviço Social brasileiro e latinoamericano em seu conjunto, publicada sob o título: “*Articulação latinoamericana e formação profissional*”, contemplando o conteúdo da ampla discussão da Oficina Nacional da entidade em julho de 2003, em Porto Alegre, cumprindo a indicação levantada no VIII ENPESS, em dezembro de 2002. O processo culminou com a participação de sua presidenta, a Profa. Jussara Mendes, na “Junta Reorganizadora de la Asociación Latinoamericana de Escuelas de Trabajo Social - ALAETS”.

rentabilidade (Iamamoto, 2004).

Na análise de Iamamoto, trata-se da fase de decadência do projeto original da ALAETS/CELATS, como expressões político-acadêmicas mais avançadas do movimento latinoamericano de Reconceituação do Serviço Social. O projeto fundador, com hegemonia do pensamento crítico, foi se esvaziando e perdendo hegemonia face *“um novo projeto político profissional que adere aos imperativos do mercado e dócil aos influxos neoliberais; um projeto profissional débil teoricamente e dotado de fortes traços pragmatistas e empiristas. O Serviço Social passa a atuar sobre fragmentos isolados da questão social, perdendo a dimensão da totalidade da luta de classes: redundou em um quadro de representação frágil da categoria profissional na América Latina, desvinculada dos desafios políticos do nosso tempo é atravessada por posturas individualistas”*, afirma.

Todavia, a história recente das últimas três décadas, registra momentos importantes do seu processo de construção e refundação. No Chile, em 2006, é refundada com seu atual nome: ALAEITS, novamente com uma participação decisiva do Brasil na condução dos trabalhos, debates e plenárias, re-colocando em perspectiva a necessidade da organização do Serviço Social crítico latinoamericano. A partir de então, uma nova fase é caracterizada pela sua reconstrução enquanto ferramenta organizativa de assistentes sociais latinoamericanos orientados princípios éticos e políticos de emancipação humana.

### **Alguns desafios da internacionalização do Serviço Social brasileiro hoje**

Em torno da política de articulação internacional da ABEPSS, uma questão fundamental que está colocada é a crise da ALAEITS como organismo de articulação do Serviço Social na América Latina. Reafirmar-se como organismo acadêmico-político articulador do Serviço Social na América Latina, consolidando o perfil crítico que estava na sua origem, continua sendo o maior desafio da política internacional da ABEPSS e do movimento de articulação acadêmico-político do Serviço Social no continente no momento.

No texto balizador das relações internacionais da ABEPSS: *“Notas para pensar a política de articulação internacional da ABEPSS na Gestão 2005/2006: a prioridade estratégica da articulação latino-americana”*, explicita-se a perspectiva de articulação e de organização internacional defendida pela entidade, que passa pela *“análise crítica e o debate sobre o internacionalismo, sobre as particularidades da América Latina no movimento de mundialização do capital e sobre a luta social como referências para o ensino, a pesquisa e a extensão na formação acadêmica, bem como para o exercício profissional do assistente social e sua organização como trabalhador. E uma vez estabelecida a estratégia de prioridade da*



*articulação latino-americana impõe-se uma exigência de aprofundamento da consciência crítica sobre a América Latina no atual movimento de mundialização, sobre as tendências atuais do internacionalismo e o significado atual do Brasil no continente e no mundo com base na qual construirá um programa de trabalho a ser atualizado sistematicamente de acordo com os movimentos da realidade”.*

Nesse sentido, na internacionalização do Serviço Social brasileiro permanece em destaque a necessidade de consolidar a construção regional, especialmente no Cone Sul, cuja expressão política e organizativa é a ALAEITS. Como foi dito, o país foi, desde os inícios do movimento de Reconceituação, um protagonista decisivo nos destinos desse processo e um pilar de sustentação e funcionamento da entidade desde finais da década de 1970. Dialeticamente, são muitos os frutos colhidos pelo Serviço Social crítico brasileiro desse diálogo com o movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina; diálogo que se remonta à década de 1960, com os Seminários Regionais em Rio Grande do Sul.

No início do século XXI, no contexto do ciclo de governos progressistas mencionados, as articulações para reerguer o movimento criam ALAEITS, dando continuidade ao processo organizativo iniciado com ALAETS. Desde então até agora o desafio segue sendo a reconstrução do projeto crítico, mantendo seu funcionamento regimental e a legalidade dos procedimentos e decisões políticas. Do ponto de vista formal/legal, a ALAEITS mantém um funcionamento institucional relativamente estável, com suficiente representatividade no continente. Todavia, a construção de um projeto crítico a nível latinoamericano, que seja expressão da integração e da síntese da diversidade de perspectivas e vivências críticas da nossa região, continua frágil. Da mesma forma, os esforços para coordenar uma formação profissional crítica na graduação e na pós-graduação ainda precisam crescer.

Outro desafio relacionado é avançar na agenda de pesquisa do Serviço Social crítico na América Latina, organizá-la e colocá-la em diálogo, em debate. Essa é uma tarefa fundamental da associação, posto que fortalece a própria organicidade de ALAEITS. Atualmente não há uma pauta comum de investigação, através da qual poder debater e dialogar; existem redes de pesquisadores articuladas produzindo conhecimentos críticos muito potentes, porém com pouca organicidade na ALAEITS; não se conta com um CELATS, para tratar da atualização permanentemente a formação profissional; há muita pesquisa de qualidade que é pouco conhecida, ou pouco divulgada, perdendo sua potência.

Da mesma forma, são necessários avanços substantivos na política de comunicação da ALAEITS, que enfrenta o desafio da extensão territorial e a enorme diversidade cultural que nos identifica como latino-americanos. Nesse sentido, hoje mais do que nunca, é clara a

importância de uma política de comunicação para a entidade, que reforce a própria organização: uma comunicação para além da propaganda e da publicidade.

Um momento importante para avançar nesses desafios, sem dúvidas, será o próximo Seminário Latinoamericano da ALAEITS. Sob o título: “*Radicalização do neoliberalismo e pandemia; contradições, resistências e desafios para o Serviço Social, na garantia de direitos*”, a XXIII edição do Seminário latinoamericano<sup>7</sup> será no Cone Sul, em novembro de 2022, no Uruguai. Terá os seguintes blocos temáticos: 1) Manifestações da questão social na América Latina, - pré e pós-pandemia -, as respostas do Estado e da Sociedade; 2) Articulações e experiências acadêmicas e profissionais. Desafios da formação profissional face o embate neoliberal, a mercantilização da educação superior e as condições de trabalho. Articulações e experiências desde a investigação, a extensão e a formação de Graduação e Pós-graduação; 3) Desafios políticos para o Serviço Social latinoamericano e para a ALAEITS; 4) Espaço para a articulação política; 5) Processos e experiências organizativas e gremiais, profissionais e estudantis na América Latina; 6) Avanços e retrocessos; 7) Projeção profissional; 8) Encontros, confluências e lugares comuns; 9) Fortalecimento colectivo profissional continental e da participação institucional.

Todavia, a internacionalização do Serviço Social brasileiro não se esgota na construção no Cone Sul da *Nossa América*. Possui, ademais, fortes vínculos com instituições científicas da Europa e da África, com as que mantêm pesquisas conjuntas e intercâmbios variados. De acordo com o texto balizador das Relações Internacionais da ABEPSS<sup>8</sup>, produzido na gestão 2005/2006, uma meta a ser alcançada é uma aproximação com a Comunidade Europeia, que discute, também, possibilidades de unidade curricular para os cursos de Serviço Social de nível superior. Nesse sentido, parcerias com universidades de Portugal, Espanha, Itália, Moçambique e Angola são mantidas e renovadas, estabelecendo um canal sistemático de diálogo com aquelas regiões e suas particularidades.

No âmbito mundial, cabe mencionar o trabalho da Associação Mundial de Escolas de Serviço Social (AIETS), a primeira instituição internacional da categoria. A mesma, nos últimos anos, tem voltado mais seu interesse para as regiões periféricas, abrindo espaços de participação da América Latina e da África nos debates e na tomada de posição da entidade. Debates sobre

<sup>7</sup> Trata-se de um evento de grande relevância acadêmica e projeção internacional. Se espera a participação de mais de 1.000 pesquisadores, docentes, estudantes e profissionais de Latinoamérica. Consultar a Web: <https://www.alaeits.uy/>

<sup>8</sup> A criação do Grupo de Trabalho – GT de Relações Internacionais como mecanismo de implementação das ações da ABEPSS neste campo reforça a perspectiva de uma política para além da articulação do Serviço Social em torno do ensino, da pesquisa e da pós-graduação e para além da articulação latino-americana, mas reafirmando esta articulação como referência estratégica.

o papel dessa organização mundial, do projeto ético-político que é defendido, e da representatividade que possui a entidade são complementados na atual conjuntura pela insegurança alimentar, ou seja, a fome e a violação dos direitos humanos e da natureza. A particularidade latinoamericana, com seu acúmulo recente de experiências críticas ao neoliberalismo e ao imperialismo norte-americano, chamam atenção na geopolítica.

A compreensão da realidade de outros continentes, especialmente os periféricos, assim como o debate e a construção coletiva com os segmentos críticos do Serviço Social fora do Brasil, são princípios da política internacional da ABEPSS. Princípios esses hoje favorecidos pela tendência de ampliação da AIETS às periferias, que faz brotar a necessidade de aprimorar o debate sobre a participação política da ALAEITS na associação mundial. Da mesma forma, precisamos aprofundar a nossa visão sobre o significado e tendências das relações internacionais do Serviço Social brasileiro, que contemple as diferentes formas e vias de articulações internacionais do Serviço Social existentes, realizadas por uma ampla rede de organismos mundiais, continentais, nacionais, estaduais e locais que envolvem profissionais e estudantes.

Nesse sentido, os principais eixos históricos da internacionalização da ABEPSS encontram-se nas relações mantidas com a América Latina, Europa e, mais recentemente, África. Nos diálogos e construções com o Serviço Social crítico dessas regiões, configurou-se a política internacional da entidade. Do ponto de vista da articulação institucional, o trabalho na ALAEITS, na construção junto à AIETS e nas iniciativas conjuntas com o CFESS/CRESS para participar como Brasil nos debates da Federação Internacional de Trabajo Social (FITS), particularmente sobre questão étnico e racial; a política internacional tem priorizado a construção de ditas ferramentas organizativas.

Para concluir, na atual conjuntura, onde se espera a manutenção da ofensiva imperialista América Latina e um provável aprofundamento das estratégias de “guerra híbrida” na região, torna-se necessário posicionar política e academicamente a ALAEITS no debate público, especialmente sobre aqueles temas e questões que dizem respeito ao fazer profissional do Serviço Social no âmbito das políticas em que atua. Da mesma forma, é imprescindível contar com o apoio regional e da comunidade internacional, em cenários onde se espera um recrudescimento, não apenas do neoliberalismo, mas do ultra-conservadorismo.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

REVISTA TEMPORALIS Nº 7 / ABEPSS: *Articulação Latino-Americana e Formação Profissional*. Porto Alegre, 2004.

HARVEY, David: *O novo imperialismo*. Loyola, São Paulo, 2005.

IAMAMOTO, Marilda: *Serviço Social brasileiro e articulação latinoamericana*. In. Revista Temporalis Nº 7 / ABEPSS, Porto Alegre, 2004.

Texto Balizador das Relações Internacionais da ABEPSS: “*Notas para pensar a política de articulação internacional da ABEPSS na Gestão 2005/2006: a prioridade estratégica da articulação latino-americana*”.

[https://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento\\_201604041642270038670.pdf](https://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201604041642270038670.pdf)

BATISTA LOPES, Josefa: *História da organização político-acadêmica do Serviço Social na América Latina: significado e perspectivas da ALAETS e do CELATS para a organização dos profissionais no Brasil*. In. Revista Temporalis Nº 7 / ABEPSS, Porto Alegre, 2004.

KORIBKO, Andrew: *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Expressão Popular, São Paulo, 2018.